



EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLARE VIVÊNCIAS COM À NATUREZA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO ECOLÓGICA DE ESTUDANTES

Derli Juliano Neuenfeldt¹

César Cristian Martins²

Resumo

Esta pesquisa qualitativa investigou a compreensão de estudantes do Ensino Médio de uma escola do RS/BRA sobre a relevância de vivências com a natureza para sua formação ecológica. Além disso, analisou se a escola trabalha o tema transversal meio ambiente e como ele se insere nas aulas de Educação Física. Foram realizadas três vivências na natureza, norteadas pelo Método Aprendizado Sequencial (CORNELL, 2008a;2008b). Os dados foram coletados mediante entrevistas com a direção da escola e professor de Educação Física, questionários aplicados aos estudantes e registros em diário de campo. Constatou-se que a Educação Física associada à natureza contribui na formação ecológica e que a escola trabalha o tema meio ambiente nas disciplinas ligadas às ciências, mas não o aborda diretamente nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física. Educação Ambiental. Escola.

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND EXPERIENCE WITH NATURE: CONTRIBUTIONS TO ECOLOGICAL STUDENT TRAINING

Abstract

This research had make an investigation about the comprehension of high school students that belong to a school located at RS/Brazil, thought the relevance of living experiences into the environment for their developing ecological person. Also, analyzed if the institution approach the environment on the curriculum, and in case it does, how it's applied on physical educations classes. It was three different experiences into the environment guide by the Sequential Learning Method (CORNELL, 2008a;2008b). The data were collected through interview with the school's board and physical education teachers, a quiz answered by the students and descriptive daily registers. It was concluded that Physical Education associated with environmental approaches, it is really important to the ecological construction. And, the school does approach the environment on the curriculum, but on the science field. These subject it is not directly approached by the Physic Education area.

Keywords: Physical Education.Environment Education. School.

¹ Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento. Prof. e Coordenador do Curso de Educação Física - Licenciatura, vinculado ao Centro de Ciência Humanas e Sociais. Universidade do Vale do Taquari – Univates, Brasil.

² Graduado em Educação Física – Licenciatura na Universidade do Vale do Taquari – RS, Brasil.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR Y VIVENCIAS CON LA NATURALEZA: CONTRIBUCIONES PARA LA FORMACIÓN ECOLÓGICA DE ESTUDIANTES

Resumen

El presente trabajo, de abordaje cualitativo, investigó la comprensión que tienen los estudiantes de educación secundaria, de un colegio de *Rio Grande do Sul*, Brasil; sobre la relevancia de la interacción con la naturaleza, para su formación ecológica. De igual forma, se analizó si en la institución se trabajaba el tema ambiental transversalmente, y cómo se evidenciaba en las clases de Educación Física. Para tal propósito se realizaron tres vivencias con la naturaleza, orientadas por el Método de Aprendizaje Secuencial (CORNELL, 2008a, 2008b). La recolección de datos fué por medio de cuestionarios aplicados a los estudiantes, registros en diario de campo y entrevistas a las directivas del colegio así como al profesor de Educación Física. Se constató que la Educación Física y la interacción con naturaleza, contribuyen en la formación ecológica. También, se evidenció que la escuela trabaja el tema ambiental en las disciplinas vinculadas a las ciencias naturales, pero no directamente en las clases de Educación Física.

Palabras claves: Educación Física. Educación ambiental. Escuela.

INTRODUÇÃO

A compreensão de que a fauna, a flora e os recursos minerais estão à serviço da humanidade carrega uma ética antropocêntrica, que para Grün (2011, p. 23), é uma das principais causas da degradação ambiental. No sistema de valores formado em consonância com essa ética, o homem é o centro de todas as coisas. Essa compreensão é identificada desde a Antiguidade, tal como consta na Bíblia, no livro Gênesis: “Façamos o Homem a nossa imagem e semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam na terra” (GRÜN, 2011, p. 24).

Com o passar dos séculos, a compreensão do homem como centro do universo se acentuou, principalmente na Idade Moderna. Tecnologias foram desenvolvidas aumentando a produção de bens de consumo, proporcionando o desenvolvimento urbano e o crescimento econômico; porém, a degradação ambiental também cresceu na mesma proporção.

Assim, estamos diante de uma questão abrangente e complexa. Vive-se numa crise ambiental nunca vista antes na história da humanidade. Cursos de rios foram alterados, interferiu-se na composição de solos e devastou-se florestas, o que está causando a extinção de espécies, mudanças climáticas, entre outros problemas ambientais.

Portanto, é preciso mudanças de atitudes, pensar na formação ecológica, uma Educação Ambiental, para que as futuras gerações possam desfrutar das riquezas naturais ainda existentes. A Educação Ambiental é uma ciência propositiva, pois, de acordo com Carvalho (2005), ela é um movimento focado nos problemas ecológicos dos dias atuais, com o objetivo

de conscientizar e de chamar atenção para o melhor uso dos recursos naturais, bem como, para a preservação do ambiente, através de ações sociais.

Necessitamos de mudanças no nosso estilo de vida, o que implica rever a forma como nos relacionamos com o meio em que vivemos, como, por exemplo, em relação ao consumo de bens materiais descartáveis, à produção de lixo não reciclável e ao uso de energias poluidoras. É preciso formar um sujeito ecológico que respeite o meio ambiente e que consiga dimensionar as consequências dos seus atos.

O sujeito ecológico é, portanto, um conceito que caracteriza indivíduos que vivenciam, agem e refletem em favor da conscientização ambiental. De acordo com Carvalho (2012, p. 26), esse sujeito “sintetiza assim as virtudes de uma existência ecologicamente orientada, que busca responder aos dilemas sociais, éticos e estéticos, configurados pela crise socioambiental, apontando para a possibilidade de um mundo socialmente justo e ambientalmente sustentável”.

No campo da Educação, a Educação Ambiental está inserida em diferentes áreas. Ela não se restringe apenas ao espaço escolar, mas tornou-se assunto de debate e de ações da sociedade civil de modo geral (GRÜN, 2011). No Brasil, em 1999, foi promulgada a Lei n.º 9.795, que instituiu a política da Educação Ambiental, estabelecendo que ela deve ser trabalhada em todos os níveis de educação, formal e não-formal (BRASIL, 1999).

A escola, enquanto espaço de educação formal, é fundamental para a formação ecológica dos estudantes, para incentivá-los a valorizarem e preservarem o lugar onde vivem, começando pela própria escola e estendendo-se aos demais ambientes. Nesse sentido, tem-se também, a cerca de duas décadas, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997), a recomendação de que as instituições de ensino trabalhem temas transversais, entre eles o meio ambiente.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) deu autonomia à escola para a construção da sua proposta pedagógica. Da mesma forma, recomenda que a Educação Física esteja inserida na proposta pedagógica. Logo, ao considerarmos o meio ambiente como tema transversal e a Educação Física como componente curricular problematiza-se como a Educação Física pode contribuir com a formação ecológica dos estudantes.

Assim, essa pesquisa apresenta resultados de uma proposta de Educação Ambiental a partir das aulas de Educação Física Escolar. Investigou-se a compreensão de estudantes do

Ensino Médio de uma escola do RS/BRA, sobre a relevância de vivências com a natureza para a sua formação ecológica. Além disso, analisou se a escola trabalha o tema transversal meio ambiente e como ele se insere nas aulas de Educação Física.

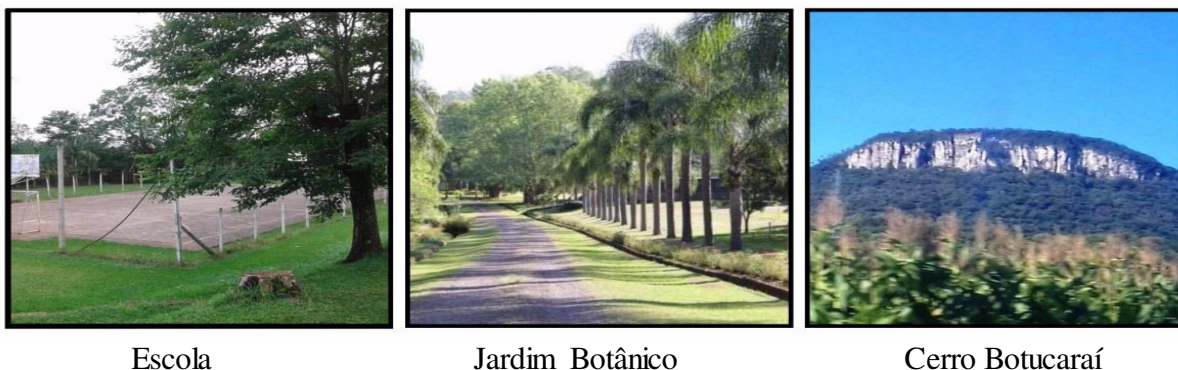
MÉTODO DO ESTUDO

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa (BODGAN; BIKLEN, 1994). Quanto aos fins, é descritiva e aplicada. Ela foi realizada numa escola estadual de Ensino Médio do RS/BRA. A instituição foi escolhida pela disponibilidade dela para a realização do estudo e por ela situar-se na zona rural, o que facilita saídas a campo para a realização de vivências com a natureza. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi solicitada autorização da Coordenadoria de Educação e da direção da escola.

No primeiro semestre de 2017, foram feitas duas visitas à escola para reconhecimento e aproximação ao campo de estudo. Em conjunto com a equipe diretiva foi decidido que todos os estudantes do Ensino Médio que participavam das aulas de Educação Física integrariam o estudo. O grupo foi formado por 20 alunos, 12 homens e 8 mulheres. O número reduzido deve-se ao Ensino Médio ser noturno e as aulas de Educação Física ocorrerem à tarde. Isso acarreta muitos pedidos de dispensa.

Realizou-se três vivências com a natureza. Elas ocorreram nos dias 4, 8 e 29 de abril de 2017, em três lugares: na escola, onde a experiência durou 3 horas e 30 minutos; no Jardim Botânico/Lajeado, a 30 km da escola, onde as atividades duraram 4 horas; e no Cerro do Botucaraí³/Candelária, a 80 km da escola, com duração de 5 horas (Figura 1).

Figura 1- Locais das vivências com a natureza



³Esse cerro é considerado o ponto isolado mais algo do RS/Brasil.

Fonte: Autores

As atividades foram orientadas por um dos pesquisadores com formação em Educação Física– Licenciatura e acompanhadas pelo professor titular de Educação Física, bem como, pelos professores de biologia, de história e pela vice-diretora.

As vivências nortearam-se pelo Método Aprendizado Sequencial (CORNELL, 2008a, 2008b) que se propõe a educar ambientalmente crianças e adultos, através de atividades lúdicas e do contato direto com o ambiente natural. O Método Aprendizado Sequencial sugere que as vivências tenham quatro etapas.

A primeira denomina-se despertar o entusiasmo, que visa criar uma relação de empatia com o ambiente e que a experiência com a natureza seja agradável. A segunda almeja concentrar a atenção, necessária para percebermos o mundo ao nosso redor. Na terceira, experiência direta, um dos sentidos corporais (tato, olfato, visão, audição ou paladar) é explorado com ênfase a partir da inibição de outro(s). E, por último, compartilhar a inspiração, através da troca de ideias entre os participantes, quando o educador ajuda o grupo a refletir sobre as suas percepções em relação à natureza.

A coleta de informações deu-se por meio de entrevistas semi-estruturadas, questionários, diário de campo, registros fotográficos e filmagem dos momentos de compartilhamento da inspiração.

Entrevistou-se um integrante da equipe diretiva e o professor titular de Educação Física para verificar se a escola trabalha o tema meio ambiente, bem como, se havia algum projeto relacionado à Educação Ambiental. Também aplicou-se um questionário aos estudantes antes das três vivências com a natureza, a fim de saber as expectativas deles em relação as atividades que seriam realizadas. Após as três vivências, foi aplicado outro questionário, a fim de analisar se as experiências vividas contribuíram para sua formação ecológica.

Em relação aos resultados, optou-se pela proposta de Moraes (2009), de análise textual qualitativa. Uma análise textual “envolve identificar e isolar enunciados dos materiais a ela submetidos, categorizar esses enunciados e produzir textos, integrando nestes, descrição e interpretação, utilizando como base de sua construção o sistema de categorias desenvolvido na análise” (MORAES, 2009, p.87).

Definiu-se duas categorias de análise. A primeira aborda o desenvolvimento da Educação Ambiental na escola e na Educação Física. A segunda trata das contribuições das vivências com a natureza associadas às aulas de Educação Física para a formação ecológica dos estudantes.

Em relação aos cuidados éticos, todos os participantes ou responsáveis pelos estudantes menores de idade assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para manter o anonimato, foi sugerido que cada estudante escolhesse um codinome referente à natureza. Dessa forma, na análise das informações, foram utilizados codinomes tais como: Leão, Tartaruga, Ostra, Borboleta... Para o entrevistado da direção, o código usado foi membro da equipe diretiva e para o professor de Educação Física se manteve essa denominação.

ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E MEIO AMBIENTE

Uma das questões do estudo foi analisar se a escola trabalhava o tema transversal meio ambiente com os estudantes, em disciplinas ou projetos. O membro da equipe diretiva comentou que o assunto é tratado em algumas disciplinas específicas ligadas ao meio ambiente. Menciona que “a escola se preocupa com esse assunto que é muito importante, porém ultimamente não conseguimos elaborar um projeto que abranja todos os alunos e disciplinas para melhorar a relação deles com a natureza” (Entrevista, 10/03/2017).

A Base Nacional Comum Curricular (2016), assim como os PCNs (BRASIL, 1997), faz referência à importância de a escola trabalhar o tema transversal meio ambiente em todas as áreas de ensino, não apenas como conteúdo, mas valores éticos, a fim de criar uma sensibilização na esperança de uma sociedade consciente dos problemas ambientais.

Os estudantes também relatam que o tema meio ambiente está presente nas disciplinas de Ciências, Geografia e Biologia, o que é evidenciado nas respostas dos questionários. “Trabalhamos assuntos ligados ao meio ambiente nas disciplinas de Ciências, Geografia e Biologia, por fazer parte do conteúdo de ensino” (Questionário, Leão, 22/03/2017); “O meio ambiente é trabalhado na aula de Biologia, trabalhamos diversos assuntos que fazem parte da matéria” (Questionário, Borboleta, 22/03/2017).

Oliveira (2007) menciona que o tema transversal meio ambiente é trabalhado mais nas aulas de Ciências, de Geografia e de Biologia, pelo fato de o assunto estar ligado ao campo de atuação dos professores, que não encontram dificuldades em trabalhar a Educação Ambiental. Já

outras disciplinas, como a Educação Física, por exemplo, tem dificuldade em desenvolver o assunto, principalmente devido à carência de abordagem desse tema na formação profissional.

O problema da formação inicial foi identificado com o professor de Educação Física. Ele comentou que durante sua formação, o tema meio ambiente foi muito pouco trabalhado; por isso, tem dificuldade em abordar esse assunto em suas aulas. No entanto, no entender dele, contribui com essa temática pois faz a limpeza do pátio com os estudantes (Diário de Campo, 10/03/2017).

Percebe-se que o professor demonstra interesse em contribuir com o tema, mas tem dificuldade de pensar a partir da especificidade da área que atua. De acordo com Neuenfeldt (2016) apenas uma legislação que mencione a necessidade de todas as áreas de ensino trabalharem a Educação Ambiental ou uma abordagem teórica não é suficiente para que o professor a desenvolva em suas aulas. É necessário que a formação inicial o sensibilize e, nesse sentido, reconhecer o corpo como lugar possível para a formação ambiental é um caminho para a aproximação com a área da Educação Física.

Além disso, o professor comentou que “a natureza está aí, cada vez aparecendo mais nos esportes e na mídia, tem gente que se dá melhor numa prática com a natureza, acredito que seja por orientação e encaminhamento de cada sujeito, de ele saber o que quer fazer no seu tempo livre” (Entrevista, 10/03/2017). Nessa fala, percebe-se que o professor concebe as vivências com a natureza como uma possibilidade de prática corporal que os estudantes podem usufruir no seu lazer. No campo dos lazer, segundo Schwartz (2006), as atividades físicas de aventura na natureza possibilitam afastar o homem da sua rotina diária, proporcionando-lhe momentos diferentes e incríveis, que acabam mudando sua visão em relação ao ambiente onde vive. No entanto, há necessidade de que a natureza seja vista como parceira, o que nem sempre acontece.

Durante a entrevista, também foi relatado pelo professor de Educação Física que o meio ambiente “é mais utilizado para aproveitar a sombra, para fazer um alongamento, uma meditação, e como também dou aula de Ensino Religioso levo os alunos em meio à natureza para fazer um trabalho mais tranquilo num lugar mais harmônico e silencioso” (Entrevista, 10/03/2017).

Nessa fala, percebe-se que ele utiliza o meio ambiente como espaço, como forma de diversificar as aulas e como local para reflexão. Para Tuan (2011), espaço e lugar estão diretamente relacionados um com o outro, o que, inicialmente, é espaço sem sentido, com o passar do tempo, na medida em que as pessoas criam um vínculo com o ambiente, torna a ser lugar. Logo, a relação que se constrói com a natureza é o que transforma o espaço num lugar, o que

contribui, como afirma Gadotti (2000), para o desenvolvimento de laços afetivos e para a formação socioambiental.

Em relação às expectativas dos estudantes quanto às atividades com a natureza, mencionaram: “É de muita ação, diversão e prazer, fazer atividades físicas principalmente em contato com a natureza é muito bom” (Questionário, Pinguim, 22/03/2017); “É conhecer a natureza e fazer atividades que contribua com a preservação desses lugares” (Questionário, Leão, 22/03/2017); “É de me divertir muito, de fazer algo que nunca fiz antes na minha vida (Questionário, Girafa, 22/03/2017).

A partir das expectativas dos estudantes de atividades prazerosas, que contribuam para a sua Educação Ambiental e de conhecer novos lugares, na continuidade, apresentam-se as três vivências com a natureza desenvolvidas nessa pesquisa e a análise das contribuições delas para a formação ecológica.

VIVÊNCIAS COM A NATUREZA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO ECOLÓGICA

As atividades da primeira vivência com a natureza ocorreram no pátio da escola e arredores. Foram realizadas atividades nas quais os alunos exploraram os sentidos corporais, conheceram melhor os colegas e o lugar que vivem.

A primeira atividade, denominada “Morcego e mariposa” (CORNELL, 2008a), caracteriza-se pela ludicidade. Foi organizado um círculo, em cujo centro ficaram quatro estudantes de olhos vendados: três mariposas e um morcego. O morcego tem o papel de capturar as mariposas guiando-se pelo som. Toda vez que o morcego gritava “morcego”, as três mariposas respondiam “Mariposa”. “Durante esta atividade os participantes se mostraram bastante dispostos e felizes em realizá-la por ser algo que não haviam feito antes nas aulas de Educação Física” (Diário de campo, 04/04/2017).

A segunda atividade, “Trilha de encontros e descobertas” (adaptação da Trilha do Conhecimento de Cornell, 2008b), ocorreu nos arredores da escola, em uma estrada da zona rural. Foi realizada uma caminhada e, ao longo do percurso, os participantes registravam percepções num formulário (Figura 2) que direcionava a atenção para sons, cheiros e para a observação do ambiente.

Figura 2 - Formulário da “Trilha de encontros e descobertas”, preenchida pela estudante com o codinome Ostra.

TRILHA DE ENCONTROS E DESCOBERTAS		CODINOME: <i>Ostra</i>
O QUE PROCURAR?	DESCRIÇÃO	
Algo que lembre você mesmo		
Uma sincronidade	<i>A tranquilidade da natureza</i>	
Um som que faça você sorrir	<i>Os Passaros nas árvores</i>	
Um cheiro que você nunca sentiu antes	<i>Passaros cantando</i>	
Algo em transformação	<i>cheiro doce de uma rosa</i>	
Algo que possa sentir com a pele	<i>Um jardim</i>	
Algo que possa degustar	<i>Brisa do vento</i>	
Algo sagrado	<i>Bergamota, Laranja, Batata Doce</i>	
	<i>Ignição, água, terra, ar</i>	

Fonte: dos autores.

Voltando à escola, realizou-se a última atividade denominada, “Encontre Alguém Que...” (CORNELL, 2008b). Foi entregue a cada estudante uma ficha com questões abertas, tais como: Tem forte ligação com a natureza? Tem o hábito de sentar e observar a natureza? Já viu algum animal que está em extinção? Os participantes procuram entre eles alguém que contemplates as perguntas. No fim da atividade, dispostos em círculo, cada um compartilhou suas respostas.

A realização de vivências com a natureza na escola e arredores é um indicativo de que não é necessário ir a lugares distantes para proporcionar atividades com a natureza, além de possibilitar um repensar do estudante sobre a sua relação com o lugar onde vive (Diário de campo, 04/04/2017).

A segunda vivência ocorreu no Jardim Botânico de Lajeado. A primeira atividade foi “Encontre a Árvore” (CORNELL, 2008a). É uma atividade, realizada em dupla e classificada como experiência direta. “Optou-se por realizar essa atividade em primeiro lugar por estarmos num local onde havia diversas espécies de árvores” (Diário de Campo, n.º 2, 08/04/2017). Um

dos componentes, vendado, é levado até uma árvore pelo colega sem vendas. O participante de olhos vendados deve, através do tato, sentir a árvore e tentar perceber o máximo de características possíveis para que, depois da retirada da venda, num lugar mais afastado, descubra qual árvore estava tocando. Na sequência, os participantes invertem os papéis.

A segunda atividade é denominada “Duplicação” (CORNELL, 2008a). Numa visita ao Jardim Botânico antes das atividades, os pesquisadores recolheram diversas folhas, frutas e sementes espalhadas no chão. No dia da atividade mostrou-se os objetos coletados por 15 segundos. Os participantes saíram a encontrar um outro exemplar similar para fazer a duplicação.

A terceira atividade é conhecida por “Que Animal Sou Eu?” (CORNELL, 2008a). O pesquisador colocou nas costas de cada participante um crachá com a imagem de um animal da Mata Atlântica brasileira. Para desvendar que animal estava nas costas, cada participante questionava os demais procurando saber as características desses animais. As respostas só podiam ser: “sim”, “não” e “talvez”.

A última atividade realizada nesse dia foi caminhar de olhos vendados em forma de Centopeia (CORNELL, 2008a). Os estudantes andaram entre a vegetação, escutando sons e tocando árvores. No final da trilha, perto de uma cascata, foi solicitado que cada participante se concentrasse e fizesse um memorial descritivo de uma experiência marcante, boa ou má, com a água.

Na terceira e última vivência, fomos a Candelária/RS para fazer uma trilha no Cerro do Botucaraí. Na etapa inicial da atividade, abordamos a importância da trilha, seus benefícios e os cuidados que deveríamos ter com a natureza. Em seguida, alongamos antes do início da atividade (Diário de campo, n.º 3, 29/04/2017). Ao longo do percurso, os professores faziam comentários sobre a fauna, flora e colonização da região.

No final da trilha, no topo do cerro, como forma de compartilhamento da inspiração, foi realizada a atividade denominada “Evocação das Palavras”. Solicitou-se que cada um escolhesse duas palavras que expressassem o significado da vivência e as registrassem num papel. As palavras mais citadas foram: “Pureza”, “Respeito”, “Alegria”, “Conhecimento”, “Desafio”, “Reflexão”, “Interação”, “Paz”, “Integração”, “Emoção” e “Diversão”.

Essas palavras são a essência das respostas dos estudantes ao questionário aplicado após a realização das três vivências para analisar contribuições para a formação ecológica. Eles

externaram sua percepção e sentimentos acerca da participação nas atividades da primeira vivência, destacando a relevância delas para conhecerem melhor o lugar onde vivem: “Observamos melhor a natureza, coisas que a gente passa do lado todo dia e não nota” (Questionário, Rosa, 04/05/2017); “Gostei das atividades, foi uma forma de conhecer melhor o lugar onde eu vivo” (Questionário, Cabrita, 04/05/2017).

Dessa forma, pode-se afirmar que as vivências com a natureza possibilitam uma abertura para a experiência e formas de exploração dos sentidos, reforçando a importância do corpo em processos de ensino e de aprendizagem (NEUENFELDT, 2016). Constatou-se que as vivências proporcionadas, entre elas as caminhadas/trilhas, como diz Bruhns (2006), conduzem a uma experiência sensível que é de ordem pessoal, combinando prazer estético e desejo de conhecimento.

Em relação as atividades realizadas no Jardim Botânico os estudantes comentaram que elas foram muito “bacanas” e que se sentiram entusiasmados durante a sua realização por estarem num lugar lindo, diferente: “Gostei de ir ao Jardim botânico, as atividades foram ótimas, fiquei muito entusiasmada” (Questionário, Lagartixa, 04/05/2017); “Senti-me feliz, pois jamais tinha ido num lugar tão lindo e com tantas espécies de plantas” (Questionário, Cabrita, 04/05/2017).

Portanto, a segunda vivência trouxe o sentimento de felicidade, o entusiasmo e despertou para a contemplação da beleza da natureza. Esses sentimentos também foram expressados em relação a trilha realizada no Botucaraí: “É Impressionante e muito bonita a paisagem, a floresta, um lugar pouco tocado pelo homem, muito natural, muito belo” (Questionário, Ostra, 04/05/2017); “Estar num lugar diferente da escola ao ar livre foi muito legal e divertido” (Questionário, Borboleta, 04/05/2017).

Sentir-se bem junto à natureza e conseguir admirá-la em sua simplicidade e diversidade são objetivos perseguidos pelo Método Aprendizado Sequencial (CORNELL, 2008a). A segunda vivência contribuiu para o despertar estético, para sentir e perceber as belezas que estavam ao redor dos estudantes. Logo, um dos caminhos para a formação ecológica é conseguir tocar as pessoas possibilitando-lhes vivências agradáveis junto à natureza. Cornell (2008a), acredita que as vivências com a natureza, quando realizadas de forma marcante e positiva, desenvolvem sentimentos de alegria, de paz e de diversão, criando assim uma relação de afeto com o ambiente.

Outra contribuição identificada relaciona-se a repensar o lugar que cada um, enquanto cidadão, ocupa na sociedade e refletir sobre como se relaciona com a natureza. Isso foi manifestado pelos estudantes em relação a terceira vivência: “É um aprendizado novo estar com a natureza, ver essa vista, e respeitá-la, pois somos muito pequenos diante de tudo isso” (Compartilhamento da Inspiração, Pato); “Esse é o momento para pensar, que o ser humano polui muito o meio ambiente onde a gente vive e saber que com o decorrer do tempo o ar e a água não vão ser os mesmos” (Compartilhamento da Inspiração, Gaivota); “Porque a gente olhando esse lugar vê que nossa geração tem o desafio de manter esse lugar para as futuras gerações” (Compartilhamento da Inspiração, Tartaruga). Nesse sentido, percebe-se que as preocupações dos estudantes aproximam-se das características almejadas no sujeito ecológico apontadas por Carvalho (2005).

As vivências sensibilizáramos estudantes, auxiliando-os a olhar para a natureza como um Outro do qual eles também fazem parte e a pensar nas gerações futuras. As vivências, para muitos deles, se tornaram experiências. Para Larrosa (2002, p. 21) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21). Experiência é aquilo que ao nos passar, nos forma e transforma, nos diz o autor.

Além disso, em relação à formação ecológica, os estudantes mencionaram que, a partir de agora, vão procurar fazer mais atividades em meio à natureza e mudar seus hábitos em relação a ela. A vivência direta com a natureza foi relevante, como se evidencia nas falas a seguir: “pretendo conhecer paisagens novas e recolher o lixo que está atirado por aí” (Questionário, Ostra, 04/05/2017); “Cuidarei mais do lixo, alertando outras pessoas também, e farei tudo ao meu alcance para cuidar de uma flor, das árvores e dos animais” (Questionário, Touro, 04/05/2017).

Portanto, a experiência com a natureza é fundamental, pois não aprenderemos a gostar da natureza apenas lendo livros, mas, sim, a partir de experiências vividas, que nos possibilitam construir laços afetivos através das nossas sensações e impressões obtidas durante nossas vivências (GADOTTI, 2000). Neuenfeldt e Mazzarino (2016) reforçam que a experiência vivida e sentida através do corpo é fundamental no processo de Educação Ambiental, ou seja, aquilo que nos toca, nos sensibiliza, modifica nosso comportamento, nossos pensamentos e nos prepara para enfrentar os problemas ambientais vividos na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que, na escola investigada, o tema transversal meio ambiente é abordado como conteúdo das disciplinas de Ciências, Geografia e Biologia. Na Educação Física escolar, constatou-se que a natureza é utilizada como espaço para a realização de atividades práticas. Contudo, a falta de abordagem do tema na formação inicial do professor dificulta um diálogo a partir da especificidade da área.

Em relação às vivências com a natureza proporcionadas nas aulas de Educação Física como forma de contribuir na formação ecológica, a experiência direta com a natureza possibilitou os estudantes conhecerem melhor o lugar onde vivem; despertou o sentimento de felicidade, de entusiasmo e para a contemplação da beleza da natureza; a repensarem o lugar que cada um ocupa na sociedade e a refletirem sobre como se relacionam com a natureza; auxiliou-os a olharem para a natureza como um Outro do qual eles também fazem parte; a pensarem nas gerações futuras; despertou o interesse por fazerem atividades em meio à natureza e a mudarem seus hábitos em relação a ela.

Um aspecto a ser destacado no estudo, que demanda nova pesquisa, é a importância da articulação de diversas áreas de conhecimento em propostas de Educação Ambiental. As vivências com a natureza realizadas no Jardim Botânico e na trilha do Cerro Botucaraí conseguiram articular a Educação Física, Biologia, História e Geografia, fazendo com que os estudantes associassem conceitos teóricos trabalhados em sala de aula à Educação Ambiental. Portanto, a pesquisa, ao proporcionar vivências com a natureza na Educação Física mostrou um caminho para contribuir na formação ecológica dos estudantes, mas, também uma forma de desenvolver a Educação Ambiental de forma interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/9394 de 20 dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 02/03/2014.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**. Vol. 09. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Lei n.º 9.795 de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em: 14/03/2017.

_____. **Base Nacional Comum Curricular.** 3.^a versão. Brasília: MEC/Secretaria da Educação Básica, 2017.

BRUHNS, Heloisa Turini. Ecoturismo e caminhada: na trilha das idéias. In.: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini (Org.). **Viagens, lazer e esporte.** Barueri: Manole, 2006. p. 27-42.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção do sujeito ecológico:** Identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. Porto Alegre: Artemed, 2005.

_____. **Educação ambiental:** a formação do sujeito ecológico. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
CORNELL, Joseph (a). **Vivências com a natureza:** guia de atividades para pais e educadores. 3.ed. São Paulo: Aquariana, 2008.

_____.(b).**Vivências com a natureza 2:** novas atividades para pais e educadores. São Paulo: Aquariana, 2008.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra.** São Paulo: Petrópolis, 2000.

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental:** a conexão necessária. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, M.C.; FREITAS, J.V. **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental.** Ijuí: Unijuí, 2007, p. 85-114.

NEUENFELDT, Derli Juliano; MAZZARINO, Jane Márcia. O corpo como lugar onde a experiência da Educação Ambiental nos toca. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental.** Rio Grande. v. 33, n.1, p. 22-36, jan./abr., 2016. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/5309>>. Acesso em: 15/07/2017.

NEUENFELDT, Derli Juliano. **Educação Ambiental e Educação Física escolar: uma proposta de formação de professores a partir de vivências com a natureza.** Lajeado, Centro Universitário UNIVATES, Tese de Doutorado, 2016.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação.** São Paulo, n. 19, jan./fev./mar./abr., p. 20-28, 2002.

OLIVEIRA, Teresa Vieira dos Santos. A educação ambiental e cidadania: A transversalidade da questão.**Revista Iberoamericana de Educación.** n.º 42/4, 2007. Disponível em: <<http://www.rioei.org/de/loslectores/1633Vieira.pdf>>.

SCHWARTZ, Maria Gisele. A aventura no âmbito do lazer: as AFAN em foco. In.: SCHWARTZ, Maria Gisele (Org.). **Aventuras na Natureza**: consolidando significados. Jundiaí, SP: 2006. p. 23-33.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**. Niterói, v. 01, n. 1, Inverno, p. 04-15, 2011. Disponível em:
<<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/1>>.
Acesso em: 31/05/2017.